

Alejandro Cerletti Filipe Ceppas Gabriela D'Odorico Marisa Berttolini Mauricio Langón Olga Grau Pablo Oyarzún Walter Kohan (coord.)

Narrativas confinadas

Voces desde el Sur

coletivoS

volume III

nefi edições 2020 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Reitor: Ricardo Lodi Ribeiro

Vice-Reitor: Mario Sergio Alves Carneiro

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Luís Antônio Campinho Pereira da

Mota

Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd) Coordenadora: Ana Chrystina Venancio Mignot Vice-Coordenador: Guilherme Augusto Rezende Lemos Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) Coordenador: Walter Omar Kohan

Conselho Científico (NEFI/UERJ)

Alejandro Ariel Cerletti, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Alexandre Filordi de Carvalho, UNIFESP, Brasil Alexandre Simão de Freitas, UFPE, Brasil

Barbara Weber, University of British Columbia, Canadá

Beatriz Fabiana Olarieta, UERJ, Brasil

Carlos Bernardo Skliar, FLACSO, Argentina

César Donizetti Leite, UNESP - Rio Claro, Brasil

Claire Cassidy, University of Strathclyde, Reino Unido

Gregorio Valera-Villegas, Universidad Exp. Simón Rodríguez, Venezuela

Gustavo Fischman, Arizona State University, Estados Unidos da América Jason Wozniak, West Chester University, Estados Unidos da América

Juliana Merçon, Universidad Veracruzana, México

Junot Cornelio Matos, UFPE, Brasil

Karin Murris, Cape Town University, África do Sul

Magda Costa Carvalho, Universidade dos Acores, Portugal

Maria Reilta Dantas Cirino, UERN, Brasil

Marina Santi, Università degli Studi di Padova, Itália

Maximiliano Durán, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Olga Grau, Universidad de Chile, Chile

Óscar Pulido Cortés, Universidad Tecnológica y Pedagógica de Colombia, Colombia

Paula Ramos de Oliveira, UNESP - Araraquara, Brasil

Pedro Pagni, UNESP - Marília, Brasil

Roberto Rondón, UFPB, Brasil

Rosana Fernandes, UFRGS, Brasil

Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo, UNICAMP, Brasil

Walter Omar Kohan, UERJ, Brasil

Wanderson Flor do Nascimento, UnB, Brasil

Conselho Editorial (NEFI/UERI)

Alice Pessanha S. de Oliveira

Allan Rodrigues

Daniel Gaivota Contage Fabiana Martins

Felipe Froes Pereira Trindade

Marcelly Custodio de Souza

Matheus

Ocimar Castro Maximo

Robson Roberto Lins

Simone Berle

Capa:

Marcelly Custodio de Souza

Pablo Óyarzún

Fotografía de capa:

José Antonio Millán.

http://jamillan.com/paralavista/trampa1.htm

Diagramação:

Marcelly Custodio de Souza

Simone Berle

Ocimar Maximo

Revisão Técnica deste livro:

Olga Grau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alejandro Cerletti; Filipe Ceppas; Gabriela D'Odorico; Marisa Berttolini, Mauricio Langon, Olga Grau, Pablo Oyarzún, Walter Omar Kohan (Orgs). Narrativas confinadas: voces desde el sur – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2020 – (Coleção coletivos:III).

ISBN: 978-65-991017-3-1

1. Pandemia. 2. Narrativa. 3. Confins. 4. Coletivo. I. Título. II Série.

CDD 370.1

Índice para catálogo sistemático: 1. Educação: Filosofia 370.1 Ġef

© 2020 Alejandro Cerletti, Filipe Ceppas, Gabriela D'Odorico, Marisa Berttolini, Mauricio Langon, Olga Grau, Pablo Oyarzún, Walter Omar Kohan

© 2020 Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/UERJ)

Site: nefiedicoes.filoeduc.org

Email: publicacoesnefi@gmail.com



narrativas confinadas voces desde el sur

alejandro cerletti filipe ceppas gabriela d'odorico marisa berttolini mauricio langon olga grau pablo oyarzún walter omar kohan (orgs.)

títulos da coleção coletivoS

o ato de educar em uma língua ainda por ser escrita. 2016. walter kohan; sammy lopes; fabiana martins (orgs.)

filosofia e educação em errancia: inventar escola, infâncias do pensar. 2018. allan de carvalho rodrigues; simone berle; walter omar kohan (orgs.)

narrativas confinadas: voces desde el sur. 2020. alejandro cerletti; filipe ceppas; gabriela d'odorico; marisa berttolini; mauricio langon; olga grau; pablo oyarzún; walter omar kohan (orgs.)

apresentação da coleção coletivoS

A Coleção coletivoS, assim como o Nefi em sua caminhada, se transforma em sua composição, mas não em seus sentidos. A coleção Eventos, criada em 2016 nasceu junto com a editora Nefi Edições, com o propósito de dar conta da documentação, narrativas e reflexões que emergiam de encontros educativos entre a filosofia e a infância. Seus dois primeiros volumes retratavam trabalhos surgidos dos Internacionais de Filosofia e Educação. A caminhada com a Editora foi nos ensinando que esses encontros acontecem de muitas formas. Assim, para acolher outros contornos dessas escritas e formas coletivas de pensar, apresentamos a coleção coletivoS. Aqui encontram seu lugar diversas formas de escritas coletivas e não apenas uma forma de encontro específica. Tratase de acolher escritas que surgem e potenciam encontros coletivos nos atravessamentos entre infância, educação e filosofia. Damos as boas-vindas a essas vozes e os entreamados que as sustentam e delas emergem pra potenciar a vida coletiva.

> Equipe Editorial NEFI Julho de 2020

índice

a modo de introducción	_ 13
a título de introdução	_ 16
alejandro cerletti, filipe ceppas, gabriela d'odorico, marisa berttolini, mauricio langon, olga	
grau, pablo oyarzún, walter omar kohan	40
tictactictac	_ 19
fabiana martins	
tictactictac	_ 20
fabiana martins	
ante la lógica del cálculo de vidas	_ 21
acosta, yamandú	
extrañamiento, afectos y potencia-mundo. repensar el desdibujamiento de lo común en tiempos de pandemia	_ 24
barrientos, panchiba f.	
el fantasma de la desigualdad	_ 29
bruna castro, carolina	
¿y si no son solo pobres?	_ 32
burgues, christian	
políticas de la peste	_ 37
cangi, ad ri án	
naufragio en el espectáculo de la catástrofe	_ 41
castillo, alejandra	
dos notas sobre la situación actual	_ 45
celedón bórquez, gustavo	
a vidamorte desejante dos vírus, sofás e arco-íris	_ 48
ceppas, filipe	
postales verdaderas	_ 54
cerletti, alejandro	
de repente!! interrupção, experiência, reinvenção: fios invisíveis de um tempo em composição: tempo infantil? infâncias de si?	_ 59
cirino, maria reilta dantas	
escribo, hoy	_ 64
concha lópez, teresa evita	
aislamiento y contagio	_ 68
córdoba, cintia	
la calle y el tiempo	_ 72
cuervo, oscar alberto	
	75
cuneo, bruno	

das pausas	76
cunha, edna olimpia da	
ante la bandera negra de la muerte	79
díaz berenguer, álvaro	
escribir una carta	83
digilio, patricia	
el enigma de la peste	86
d'odorico, gabriela	
hay algo más que sucedió	89
duboué, ana	
enseñanza y aprendizaje como elementos de un aprendizaje colectivo durán, maximiliano	92
imprevistos de la pandemia	95
echavarren, roberto	
crear y recrear el vínculo	98
fernández pavlovich, marcelo	
en la época del coronavirus	102
figueroa dacastro, mariana	
soliloquios y el tiempo como una rueda	105
freixas, javier	
la marcha trastocada	108
frigerio, graciela	
la duda de tomás	112
fuente, josé alberto de la	
a máquina do tempo	116
gaivota, daniel	
rodeos para seguir sin entender qué pasa	118
galazzi, laura	
desinencia	121
galende, federico	
cuidar dos afetos alegres num tempo de tristeza	124
gallo, sílvio	
novo anormal	127
gerheim, fernando	
é possível escutar e dar voz as crianças na pandemia?	131
gomes, vanise de cássia de araujo dutra	
el erizo de tierra	135
gonzález pereira, verónica	
fragmentaria	137
grau duhart, olga	

una nueva distancia	141
grau duhart, olga	
en lazos	143
guindi, patricia	
una muerte cualquiera	146
gutiérrez o., claudia	
en los tiempos del cólera	148
henrique, pedro	
todavía	149
ibarra, alex	
el comunismo de freud. el ritmo de los sueños en tiempos de pandemiakarmy bolton, rodrigo	153
bistorias oficiantes de muros	159
kaufman, alejandro	
cuando el teatro nace la infancia y la infancia nace la escritura	162
kohan, walter omar	
bodas de plata	165
langon, mauricio	
terapias contra el covid-19	167
langon, mauricio	
nós, corpos desorganizados	169
lima, daniela	
fin de cuarentena	172
lópez velasco, sirio	
historia de un ojo	176
lópez, maría pia	
la última época	179
lucero, guadalupe	
lacunas	183
mangini, flora	
entre alegrías y tristezas	187
martín, laura	
o curioso caso do exército de formigas	190
martins, fabiana	
el lenguaje acompaña al mundo	193
martyniuk, claudio	
contemplaciones confinadas: una invocación a la exuberancia	198
menchón, ángela	
o ser persevera em seu ser	202
menna oliveira, josé; fernandes, rosana aparecida	

covid-a	206
merçon, juliana	
coatlicue	208
merçon, juliana	
pase lo que pase	210
modzelewski, helena	
o experimento	214
müller, adalberto	
moinho interrompido	217
naidin, julia	
que la muerte también fracase	221
nesprías, juan	
necesito secretos para vivir	225
olarieta, beatriz fabiana	
la intimidad de una infancia en cuarentena en números (desde la perspectiva de una madre)	228
olarieta, beatriz fabiana	
¿están ahí? ¿me escuchan? notas de estos días de vínculo y confinamiento	230
olivares saavedra, rosario	
guarda-chuva para olhos que choram	234
oliveira, paula ramos de	
interrupciones de una pandemia	237
pereda, carlos	
el teatro de nuestra peste	241
pinski, cynthia	
entre tiempos: infancia, educación y porvenir	244
redondo, patricia	
locura de cuarentena	248
rocca, irupé	
viejos anormales	251
rocca, irupé	
bichos, bichas, territórios e pandemias: narrativas do precário	254
rodrigues, alexsandro; caetano, marcio	
extimidad en pinceladas sobre el coronavirus	260
rossi, miguel ángel	
¿para qué seguir como seguíamos?	264
ruggiero, gustavo	
en mí día a día, eso que no es	268
ruiz barbot, mabela	
semillero de pasiones	272
salbarrey, gloria	

cuarentena	274
santos herceg, josé	
um telegrama em tempos de pandemia	279
sayão, lara	
marcus	282
sayão, lara	
al borde de la incertidumbre, mientras respiramos	285
skliar, carlos	
el eclipse de la soledad	289
sobarzo, mario	
interrupciones intempestivas en pandemia. dos historias mínimas de un investigador narrativo_	293
suárez, daniel	
žme escuchan? ¿sí?	298
tapia meza, wilbert	
hacia la corporeización de la virtualidad	301
tourn, janett	
la seducción de la calle	305
troncoso, tirso	

al borde de la incertidumbre, mientras respiramos

La imagen del mundo en peligro recorre todas las pantallas y se ubica exactamente en la región más sombría del cuerpo, allí donde la mente no logra descifrar ningún signo y el corazón palpita de una manera infrecuente, más aceleradamente todavía que en la época que ya se cree precedente, aquella cuya urgencia, cansancio y prisa componía la habitualidad de nuestras vidas hasta hace pocos segundos.

Sin embargo: ¿está ocurriendo un acontecimiento de verdad inesperado? ¿Un acontecimiento sin antecedentes, sin un origen? ¿O es un reflejo más, un eco, del modo habitual de funcionamiento del mundo? ¿Y si de verdad es inesperado por qué existe la vaga sensación de que no se trata de una excepción inédita, de algo que no se esperaba? Incluso: ¿porqué parece que todo esto ya lo hemos pasado, pensado, visto o leído antes de algún modo, en alguna parte, mucho antes?

Otros derrumbes han sido y son escenas de películas a las que se asiste bien sentados y despreocupados, páginas bien o mal escritas de novelas que se leen en el refugio de la soledad y el silencio, pinturas que se aprecian o desprecian en salas refrigeradas de museos, en fin: representaciones difusas de lo trágico que a lo sumo han ocupado una parte de nuestras pesadillas cuando niños y preocupado de acuerdo a nuestras diferentes concepciones éticas y políticas.

Dos lecturas a la vez, en la misma unidad de tiempo –dos pensamientos, dos sensaciones, dos escrituras-: nunca hemos vivido esto antes, hemos vivido esto antes muchas veces. No haberlo vivido antes supone un cierto estado de mudez, de estruendo sin resonancia todavía; creer haberlo vivido sugiere el recuerdo, la embriaguez de la memoria: "Entonces es cuando se hace mucho más reconocible que en cuanto el opus commune se desintegra en el nivel superior, los hombres sólo pueden regenerarse en pequeñas unidades".³⁶

La voluntad de pensar está debilitada pero no tiene más remedio que hacerlo, incluso involuntariamente; en nombre de la vieja humanidad y de la humanidad que vendrá, el cuidado del mundo y el cuidarse del mundo vuelven a estar, por fuerza de lo real, en un lugar esencial del pensamiento.

285

³⁶ Peter Sloterdijk. En el mismo barco. Ensayo sobre la hiperpolítica. Madrid: Siruela, 1994, pág. 83.

Primer pensamiento débil, precario: no deberíamos estar solos ni pretender salvarnos individualmente, nunca, aún cuando el mundo, con todas sus imperfecciones y sus malditas artimañas del capitalismo arrasador, ya había arriesgado su propia existencia a cada paso, en cada segundo, y la vida en común estaba desde hace tiempo en peligro personal, comunitario y planetario.

Segundo pensamiento frágil, provisorio: la humanidad es un espejo siempre resquebrajado de cuerpos y de palabras y una caja de resonancias cuyos ecos parten desde cualquier lugar y en cada lugar crean efectos diferentes; allí debería estar presente la política bajo la forma de Estado, para dar señales de cómo se cuida, de qué hay que cuidarse, cómo hay que cuidar, quiénes son los que merecen mayor cuidado, si acaso es posible el cuidarse y el cuidarnos.

Tercer pensamiento, tembloroso: no se trata solo de asistir a la información, siempre cambiante, siempre ansiosa por la novedad; se trata sobre todo de una ética comunitaria, de asumir responsabilidades comunes, de entender que en un país desigual, que en ciudades desiguales, la lógica de la salvación personal no solo es egoísta sino también, y sobre todo, delictiva.

Una suerte de amnesia recorre los cuerpos y las mentes en estos tiempos de pandemia: ¿qué éramos antes, cómo éramos? ¿Tenían nuestras vidas un sentido más o menos incontestable, definido y virtuoso, que el virus ha venido a interrumpir o destruir? ¿Y cuál sería la gracia del argumento de que esto que está nunca se había vivido o pensado antes?

El hecho azaroso de que nos haya tocado vivir aquí y ahora -y no antes o después o nunca-, es una contingencia y no nos exime -bien por el contrario: nos obliga-, a relatar el mundo también como una larga sucesión de imprevistos, catástrofes, guerras, funerales, y a la vez de gestos de solidaridad, celebraciones, amistad, amor, filosofía y arte.

Y eso que es llamado mundo guarda una estrecha relación con la idea de cuidado y de seguridad, la necesidad de creerse imperiosamente seguros –pese a los hechos cotidianos que harían desistir de inmediato de esta percepción- y que vivir en el mundo tendrá que ver con haber contado desde siempre con una suerte de relato de resguardo o guarida confortable.

Dicho de otro modo, el mundo también es la creencia, el resultado, de la sensación o necesidad de estar a salvo y que esa salvación —en las lógicas del provecho al uso- depende de uno mismo: una vida segura, sin imprevistos, sin turbulencias, sin infecciones, haría un mundo seguro, sin

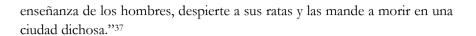
imprevistos, sin turbulencias, sin infecciones. Y viceversa, es decir, un mundo seguro es una vida carente de acontecimientos imprevistos.

La búsqueda de una constante que permita explicar la trayectoria del mundo –una constante religiosa, o mítica, o filosófica, o científica, etcétera-ha apaciguado en parte las aguas entre una pandemia y otra, entre una guerra y otra, entre un desastre natural y otro, y siempre devino en un relato de quienes siguieron vivos para explicar, narrar, justificar, tiempo después, lo acontecido.

Un relato del mundo es el de los sobrevivientes, pues, y se comprende perfectamente la necesidad humana de salvaguardarse y de contarse a sí misma en un constante y sosegado progreso; pero también podría enumerarse la larga lista de quienes nunca son incluidos en esa supuesta constante del mundo, en primer lugar: los muertos.

El arte habido hasta ahora parece un retrato plausible delante de la incógnita de un mundo azorado y azotado por este virus; como si una vez más la ficción no solo imitase la realidad—lo que sería poca cosa- sino que la modifica y multiplica con creces o, directamente, crea una cierta realidad antes que ella sea percibida como tal.

La literatura que alude a las pandemias ubica el relato en el extremo de un desenlace necesario: al fin el final. Pero por su propia razón de ser ese final nunca es concluyente ni da la sensación de pasar de página, como si nada hubiese ocurrido. Por el contrario, la lectura atenta brindará, a la vez, un doble pliegue que mantiene en vilo toda conclusión: el júbilo, la celebración, la alegría porque algo terrible y devastador ha concluido finalmente; la sospecha, el rumor ennegrecido, la intuición cierta de que nada ha concluido de verdad, que todo otra vez está o podría estar a punto de recomenzar: "Oyendo los gritos de alegría que subían de la ciudad, Rieux tenía presente que esta alegría está siempre amenazada. Pues él sabía que esta muchedumbre dichosa ignoraba lo que se puede leer en los libros, que el bacilo de la peste no muere ni desaparece jamás, que puede permanecer durante decenios dormido en los muebles, en la ropa, que espera pacientemente en las alcobas, en las bodegas, en las maletas, los pañuelos y los papeles, y que puede llegar un día en que la peste, para desgracia y



carlos skliar argentina

³⁷ Albert Camus. *La peste*. Barcelona: Edhasa, 2005, pág. 219.